

Um país se faz com homens e mitos: análise comparativa da construção da identidade nacional em Casa Grande e Senzala e em textos literários

Bárbara Deming Leão Brandão¹

Resumo: O presente trabalho analisa comparativamente a obra Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre com as obras Iracema, de José de Alencar, Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, O Cortiço, de Aluísio de Azevedo e O Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para trazer à tona diferentes discursos sobre a identidade nacional brasileira e trazer alguns elementos para uma leitura mais crítica da história oficial.

Palavras-chave: Mito. Identidade Nacional. Casa Grande e Senzala. Literatura.

1 Introdução

O presente trabalho objetiva analisar comparativamente importantes obras literárias com o mais famoso texto de Gilberto Freyre: a obra “Casa Grande e Senzala”. Para tanto, foram escolhidos textos literários representativos de importantes movimentos da literatura brasileira, sendo tais obras: Iracema, de José de Alencar, Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, O Cortiço, de Aluísio de Azevedo e O Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto.

Este texto discute alguns aspectos da construção da identidade nacional brasileira para pensar em rupturas e continuidades dos mitos que cercam a ideia da brasilidade. A presente pesquisa tem por objetivo demonstrar que, parodiando a famigerada frase atribuída a Monteiro Lobato, um país se faz com homens e mitos. A pesquisa foi fundamentada em afirmações de Barthes sobre o mito. Inicialmente, será feita uma apresentação de Gilberto Freyre e da obra “Casa Grande e Senzala”. Após, serão feitas reflexões sobre os textos literários.

2 Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre

Gilberto Freyre nasceu em 15 de março de 1900, em Recife, Pernambuco. Estudou na Universidade Batista de Baylor, localizada em Waco, Texas, nos Estados Unidos e na

¹ Mestranda em Direito pela UFMG. Bacharel em Direito pela UFMG.

Universidade de Colúmbia em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Freyre faleceu em 18 de julho de 1987, em Recife, Pernambuco (FREYRE, 2003, p. 643-670).

A obra de Gilberto Freyre é um caso paradigmático da defesa da existência de uma democracia racial no Brasil (SCHWARCZ, 2011, p. 89-90). A primeira publicação de Casa Grande e Senzala se deu em 1933. Nesse sentido, é de se notar que, nos Estados Unidos, imperava o racismo oficial e explícito por meio das leis de Jim Crow (segregação racial), o que influenciou a leitura romantizada de Freyre sobre o racismo e a escravidão no Brasil (SCHWARCZ, 2011, p. 89-90).

Assim sendo, considera-se que a representação do que consiste “o brasileiro” está envolta em mitos. Barthes (1989, p. 131-178), conceitua o mito como um sistema semiológico, consistente em uma fala despolitizada e pretensamente a-histórica. Nesse sentido, para o autor (BARTHES, 1989, p. 131-178), o mito não deixa de falar dos temas que aborda, mas, inversamente, fala expressamente deles com um sentido intencionalmente capturado, tentando se passar, todavia, por uma ideia inocente e acidental. Assim sendo, o discurso mitológico tenta simplificar e reduzir a realidade das complexas relações humanas para despolitizá-las e descontextualizá-las historicamente (BARTHES, 1989, p. 131-178).

3 Iracema, de José de Alencar

A obra “Iracema” (ALENCAR, 2008), de José de Alencar (1829-1877), foi publicada em 1865. Nessa obra, o encontro entre portugueses e povos indígenas é extremamente idealizado. O genocídio indígena no Brasil é substituído por uma trama de romance proibido entre o português Martim e a Índia Iracema, “*a virgem dos lábios de mel*” (ALENCAR, 2008, p. 17), cujo nome é um anagrama da palavra América.

Como fruto do romance entre Martim e Iracema, nasce Moacir: o primeiro resultado da união entre portugueses e indígenas (ALENCAR, 2008, p. 111). Trata-se de uma obra da primeira fase do Romantismo, período no qual se buscou construir uma identidade nacional para o Brasil, país que havia se tornado independente de Portugal em 1822.

Gilberto Freyre (1900-1987) publicou “Casa Grande e Senzala” pela primeira vez em 1933. A narrativa de Freyre se assemelha à de José de Alencar, na medida em que há uma idealização da colonização portuguesa no Brasil. Nesse sentido, vale lembrar que o Brasil era originariamente habitado por mais de mil povos (BOLOGNESI, 2019), mas a população indígena brasileira foi dizimada, sendo empregado todo o tipo de violência, inclusive a sexual.

Contudo, Freyre (2003, p. 64-263) avalia a miscigenação do Brasil como resultado de uma convivência “*íntima*” e “*gostosa*” entre portugueses e “*as pessoas de cor*”. A mulher indígena teria sido “*aproveitada*” pelos portugueses para a constituição de famílias (FREYRE, 2003, p. 64-263). Em lugar de inimigos, a relação construída entre portugueses e indígenas teria sido a relação de marido e mulher (2003, p. 64-263).

Segundo Freyre (2003, p. 64-263), não teria havido no Brasil uma aniquilação das culturas dos povos originários, ou melhor, da cultura indígena (pois ele trata tais culturas como uma grande unidade). Muitas das citadas permanências das culturas indígenas na cultura brasileira são curiosas e, sobretudo, questionáveis, como citar, como influência indígena, o jogo de azar conhecido como “jogo do bicho” ou a utilização de brinquedos de figuras de animais pelas crianças brasileiras (2003, p. 64-263).

Permeia a narrativa de Freyre (2003, p. 64-263) a ideia de que os portugueses teriam sido colonizadores menos cruéis do que os espanhóis e os ingleses, apesar de o autor reconhecer a violência do colonizador português. Aliás, as aptidões portuguesas teriam possibilitado um equilíbrio entre as diferentes “raças” (2003, p. 64-2003). Freyre afirma existir uma “*reciprocidade cultural*” entre povos americanos, africanos e europeus, ao mesmo tempo que se refere às culturas dos povos originários da América como “primitivas” e “inferiores” (2003, p. 64-263).

Assim, a idealização do encontro entre portugueses e indígenas e a romantização da narrativa de seus conflitos são pontos em comum entre as duas obras sob análise.

3 Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis

A primeira publicação de “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, de Machado de Assis, ocorreu em 1881. Já em tenra idade, o narrador, Brás Cubas, era violento e cruel com as pessoas escravizadas por sua família (ASSIS, 2007, p. 24). O escravizado Prudêncio, por exemplo, após sofrer todo o tipo de violência de Brás Cubas, acaba reproduzindo essa violência ao se tornar livre (ASSIS, 2007, p. 86-87).

Além disso, Brás Cubas, após afirmar que seu cunhado, Cotrim, conduzia os escravos ao calabouço do qual escorria sangue, descreve ironicamente os sentimentos “piedosos” de seu cunhado, Cotrim (ASSIS, 2007, p. 130).

Enquanto Gilberto Freyre elogia o preciosismo e o purismo da linguagem dos bacharéis (2003, p. 264-265), Machado de Assis apresenta uma visão crítica ao bacharelismo, como se vê da seguinte passagem: “*A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas;*

estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel” (ASSIS, 2003, p. 40).

Tanto Machado de Assis, como Gilberto Freyre tratam da prostituição no Brasil. No caso de Machado de Assis, a prostituição é representada pela personagem Marcela (ASSIS, 2003, p. 31; 34). No caso de Freyre, fala-se do contraste entre a prostituição doméstica e a dos bordéis (2003, p. 401). Além disso, tanto Memórias Póstumas (ASSIS, 2003, p.128), como Casa Grande e Senzala (2003, p. 461) citam o costume da “briga de galo”. Por outro lado, o Humanitismo de Quincas Borba (ASSIS, 2003, p. 106; 118-119; 124-126; 131) é um escárnio do positivismo e do darwinismo social. Portanto, é possível notar que a visão crítica e engajada de Memórias Póstumas de Brás Cubas contrasta com o texto de Casa Grande e Senzala.

4 O cortiço, de Aluísio Azevedo

“O Cortiço” foi publicado pela primeira vez em 1890 por Aluísio Azevedo. Trata-se de uma obra do naturalismo, escola literária influenciada pelo cientificismo positivista, o darwinismo social e o determinismo. Nesse sentido, o texto se utiliza de palavras como “machos”, “fêmeas”, “instintos”, “raça superior”, “odor sensual”, “cio”, “faro”, “ninho” para se referir a seres humanos habitantes do cortiço São Romão (AZEVEDO, 2012).

O personagem principal do livro, João Romão, mente para Bertoleza que havia comprado sua alforria. Quando se cansa dela, a denuncia para os seus ex-proprietários. Por causa disso, Bertoleza se suicida. Neste momento, uma comissão de abolicionistas chega para premiar João Romão (AZEVEDO, 2012). Apesar desse momento irônico, há muitas passagens que se referem à miscigenação como degeneração, sendo possível falar em um “abolicionismo racista” (MOIRA, 2020, p. 1-8).

Por sua vez, apesar de Freyre não ver a miscigenação como fator negativo ou que levaria à degeneração, deve-se apontar que o autor recifense ainda adota as expressões de “superioridade” e de “inferioridade” de raças (SCHWARCZ, 2011, p. 96).

5 O Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto

A primeira publicação de “O Triste Fim de Policarpo Quaresma” por Lima Barreto se deu em 1915. A obra é integrante do Pré-Modernismo. Nela (2003), o funcionário público Policarpo Quaresma ama a sua Pátria, procurando valorizar tudo o que vem do Brasil, como a literatura, o folclore, a música, o tupi e a fertilidade das terras.

Porém, o livro narra uma sucessão de decepções de Quaresma com o Brasil. Afinal, o Brasil importa traços culturais de outros países; as saúvas atacam as plantações brasileiras; o brasileiro não se importa com a sua história e com sua pátria; as terras do Brasil não são tão férteis assim; Floriano Peixoto, a figura de comando, não é tão patriota (2003).

Trata-se de uma crítica ao nacionalismo ufanista, que jamais perdeu a sua atualidade. A obra (2003) também critica a recusa do brasileiro em se reconhecer racista (com Ricardo Coração dos Outros), o romantismo (de Ismênia), o funcionalismo público (da alta sociedade suburbana do Rio de Janeiro), o academicismo (de Armando Borges) e o bacharelismo (comparado a um título de nobreza).

Por sua vez, Gilberto Freyre (2003, p. 323) também menciona espécimes que danificam as plantações, como: as saúvas, as larvas, os insetos, os vermes. Há também o reconhecimento de que as terras brasileiras, excetuadas a terra preta ou roxa, não eram dotadas de excepcional fertilidade (2003, p. 165). Com relação à língua, Freyre indica que o tupi-guarani não foi reconhecido como língua oficial, mas defende que se tratava da língua corrente, adotada, inclusive, pelos colonizadores (2003, p. 156-263).

CONCLUSÃO

A construção da identidade nacional no Brasil resultou em diversos mitos. Para tanto, os horrores da escravidão e do genocídio indígena não foram completamente ocultados. Apesar de admitidos, buscou-se capturar o sentido e as consequências dos conflitos brasileiros. A realidade é deformada.

Com relação aos textos literários, pode-se perceber que houve uma disputa entre leituras românticas da história brasileira, representadas, neste trabalho, por *Iracema*, de José de Alencar, e àquelas mais críticas, representadas neste trabalho por *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para trazer à baila esses discursos e possibilitar uma leitura mais crítica da história oficial.

Por fim, considera-se que a pesquisa pode contribuir para a reflexão acerca da necessidade de debate quanto às escolhas realizadas na construção da história oficial. Entende-se que o fazer científico pressupõe a inevitabilidade da realização de escolhas, mas discuti-las amplamente com os grupos atingidos também é inevitável.

Referências

- ASSIS, Machado (de). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo, SP: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora LTDA., 2007.
- ALENCAR, José. *Iracema*. 7a ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 140 p.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 8a ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 2a ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2003. 240 p.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro, Bertrand-Brasil, 1989.
- BOLOGNESI, Luiz. As Guerras da Conquista in. *Guerras do Brasil.doc*. Netflix, 26 min. SP, 2019.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48 ed. rev. São Paulo: Global, 2003.
- MOIRA, Amara. Notas sobre o abolicionismo racista de O cortiço, de Aluísio Azevedo. *Olho d'água*, v. 12, n. 1, 2020.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos. *Philia&Filia*, v. 2, n. 2, p. 85-117, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Philiaefilia/article/view/24427>>. Acesso em 29 nov. 2022.